

Luís Porteiro Garea

(Lugo 1889-Frades 1918)

NA CRUÑA

*O ideólogo do nacionalismo
irmandinho*

ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA



Luís Porteiro Garea (Lugo 1889-Frades 1918)

O ideólogo do nacionalismo irmandinho

Ernesto Vázquez Souza

Edita e distribui:



Ordes, Outono de 2009

Guia de leitura

“O galego é um idioma extenso e útil porque –com pequenas variantes– fala-se no Brasil, em Portugal e nas colónias portuguesas.”

CASTELAO, *Sempre em Galiza*, Buenos Aires, 1942.

“...que o galego se pareça ao português nom tem nada de particular, porque o português nom é mais que o galego um pouco modificado, de maneira que se tem que parecer por força, e nom é estranho que se pareça.”

PARTIDO GALEGUISTA, panfleto repartido em Ourense em Novembro de 1934.

* * *

O galego que se ensina na escola está escrito com o sistema gráfico do espanhol adaptado para a nossa língua; o habitual em todos os contextos de colonização é isto, que o povo colonizado escreva a sua fala com a grafia do povo colonizador por considerá-la mais prestigiosa. Mas isto, no nosso caso, evita que o conjunto de galegas e galegos poda identificar-se com a escrita tradicional galega que, com pequenas diferenças, foi adoptada em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e os restantes países de fala galega no mundo.

Como a grande maioria do galeguismo defendeu, o galego que nós empregamos adequa-se à norma histórica e internacional. Do mesmo jeito que quando escrevemos em espanhol o fazemos igual que umha argentina, umha asturiana ou umha andaluza, ainda que as quatro pronunciemos de forma distinta, também pensamos que é bom que os países galegófonos ou lusófonos escrevamos igual.

Para facilitar a leitura, que pode resultar estranha à primeira vista, apresentamos-che as correspondências fónicas das letras e terminaçons menos comuns na grafia habitual do galego:

LH (*ele agá*) pronuncia-se como LL em espanhol: *Carvalho, filho, alho*.

NH (*ene agá*) pronuncia-se como Ñ em espanhol: *Minho, Corunha, sobrinho*.

SS (*esse duplo*), a pronúncia é a mesma que a do *esse simples* (S): *congresso, nosso, Rússia*.

Ç (*cê cedilha*), pronuncia-se igual que o *zeta* (Z) ou *cê* (C) diante de E, I: *justiça, açúcar, Traço*.

-M (*eme final*), a pronúncia da consonante nasal final é a que todas e todos lhe damos habitualmente na Galiza: *fim, paixom, latim*.

J (*jota*) e **G** (*gê*), pronúncia-se igual que o *xis* (X) de *peixe*: *geografia, janela, religiom*.

A parte disto também é importante saber que:

Z, Ç, CE, CI, podem-se pronunciar com *sesseio* (como na franja atlântica da Galiza e no resto da lusofonia) ou sem ele (*ceceio*).

QUA- (*quando, qual, quatro...*) pode pronúncia-se *kuando, kual, kuatro* como na maioria da lusofonia e na franja oriental da Galiza, mas pronunciar *kando, kal, katro* como se fai na nossa comarca é também correcto.

G, quando nom é seguido de E ou I, pode pronunciar-se com *gheada* (*ghato, ghrátis, ghota*) –que é umha característica fonética exclusiva da nossa zona dentro da lusofonia– ou sem ela.

*Agradecemos-lhe especialmente a Ernesto Vázquez Souza que nos cedesse os seus artigos publicados neste caderninho e a sua amável atenção.
Agradecemos-lhe também à AGAL o permissão para publicar o terceiro dos artigos de Vázquez Souza, publicado originalmente por Gzeditora.*

ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA estudou Filologia Hispánica e Galego-Portuguesa. Investigou especialmente a Ángel Casal e o seu papel na política cultural do nacionalismo de pré-guerra. Foi professor em Chicago de língua e galega para o Instituto Cervantes. No 1998 estivo de leitor em Montevideo. Desde 2004 trabalha na emigração, para a Biblioteca da Universidade de Valhadolid. Na actualidade é também membro da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) e colaborador habitual dos meios de comunicação independentes.

* * *

*Este caderninho foi
editado e distribuído por:
Associação Cultural Foucelhas
Comarca de Ordes
Outono, 2009*

Para pôr-te em contacto com nós:
foucelhas.ordes@gmail.com

Podes visitar-nos na Internet aqui:
<http://foucelhas.agal-gz.org>

Agradecemos-che que copies, distribuas, compartas e difundas publicamente esta obra (na sua totalidade ou em parte), sempre que cites a sua procedência original. Nom uses, isso sim, a obra para fins comerciais.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

1. Introduçom (A. C. Foucelhas)

2. Três artigos de ERNESTO VÁZQUEZ SOUZA:

- I. Luís Porteiro Garea, neofalante.
- II. A embaixada de Barcelona de 1917.
- III. Eleições no “ano da gripe”.

3. Dous artigos de LUÍS PORTEIRO GAREA:

- I. ¡Sabe que gorenta!
- II. Carta póstuma a Luís Pena Novo

4. Poema de R. CABANILHAS dedicado a Luís Porteiro

- I. ¡En pé!

INTRODUÇÃO

“Há gentes que crem que o patriotismo é um caravel que floresce nos beijos e nele morre, sem fixar-se em que é preciso tê-lo como luz no cérebro e como fogo no peito, e fazê-lo efectivo com os braços e com o peito”

“...defender o galego [...] como meio de inteligência com Portugal e a parte de América por ele civilizada para onde vai muita da nossa emigração.”

Luís Porteiro Garea.

Na Ponte Carreira, no cemitério paroquial de Gafoi, está enterrado entre outros familiares seus um homem que deixou umha forte pegada na Galiza do seu tempo. No camposanto ocupa um lugar discreto, a legenda da sua lápida apenas recorda os seus cargos na câmara municipal de Compostela e na Universidade.

Mas esse homem que descansa nas terras de Frades foi o principal líder do nacionalismo galego das Irmandades da Fala, o responsável da seu passo adiante assumindo a luta política além da cultural, e só a sua prematura morte –ironicamente pola “gripe

espanhola”– rematou com a fulgurante carreira em defesa da liberdade da Galiza que este jovem iniciara.

O facto de este vulto do nacionalismo repousar na nossa comarca já tem suscitado interesse. No 1998 a Asociación Cultural Obradoiro da História publicava um monográfico de Raquel Bello Vázquez, intitulado Luís Porteiro Garea: (1889-1918).

Nesta ocasiom publicamos três textos de Ernesto Vázquez Souza que nos permitem chegar-nos a aspectos fundamentais de Luís Porteiro. Para Vázquez Souza trata-se do ideólogo mais importante do nacionalismo depois de Manuel Murguia. Engadimos também dous artigos do próprio Porteiro, um de especial actualidade na sua defesa da língua –o primeiro discurso dado em galego nas aulas da Universidade de Compostela saírom da sua boca– e outro que é umha carta publicada postumamente, na que comentava as suas ideias para a Assembleia Nacionalista de Lugo de 1918, data fundacional do nacionalismo moderno na que a morte nom lhe deixou estar presente.

Para a Associação Cultural Foucelhas é um referente em muitos aspectos: aposta pola democracia, valor dos actos sobre as palavras vazias, defesa da língua e concepção internacional da mesma, etc... Com esta modesta contribuiçom queremos render-lhe umha merecida homenagem.

I

LOIS PORTEIRO GAREA, NEOFALANTE¹

«Nos hallamos en un momento decisivo y por eso tenemos que suplicar a la prensa, libre de prejuicios, que nos preste atención, porque este movimiento tiene mayor importancia de lo que algunos suponen.

Comenzamos por constituir colonias espirituales que sólo pretendían demostrar, como dijo ya el Sr. Peña Novo, que no nos avergonzamos del gallego.

Pero al estudiar de cerca el lenguaje y hacernos cargo de los ultrajes que se le hacían, vimos como una raza que para llorar y para cantar usaba un idioma propio se veía obligada a emplear un mal castellano para rezar.

Comprendimos que habíamos de tratar un problema político, porque tropezamos en nuestro camino con el caciquismo.»

PORTEIRO GAREA, 1917.

¹ Publicado originalmente no Portal Galego da Língua o 1 de Outubro de 2006, com a dedicatória “Para Miguel Garea Garea, vir bonus et doctus”. Ligeiramente adaptado para a ocasião.

Um dos vultos mais importantes, impressionantes e importunantes de entre os pais do movimento nacional e neofalante que constituíram por volta de 1916 as Irmandades da Fala, é sem dúvida o luguês Lois Porteiro Garea (16/11/1889-28/10/1918). Para mim, ele é o maior teórico do nacionalismo político desde Murguía. Com Peña Novo e Viqueira forma uma trinca política de avançada, estratégica, linguística e socialmente muito por cima dos Risco, Vilar Ponte, Castelao e mesmo do Bóveda anterior a 1933.

Activista, brilhante líder estudantil, primeiro concelheiro nacionalista de Compostela (1916-1918), professor de direito administrativo, jornalista, orador, autor de uma tese intitulada: El sistema parlamentario en España y sus relaciones con el caciquismo (1914), progressista, defensor dos direitos civis das mulheres, pioneiro em usar o galego em público, protagonista da primeira campanha eleitoral à que se apresentou um grupo nacionalista galego (1918), defensor da federação ibérica e da unidade da Galiza com Portugal, um dos máximos impulsores do contacto com a Catalunha política e definidor da passagem do cultural ao político do galeguismo das irmandades.

Porteiro, é pese a tudo -ou precisamente por isto- um outro dos desconhecidos. Porém, e como correspondem a Porteiro iniciativas fenomenais e precursoras que podem fazer arregalar

os olhos aos leitores do PGL, imos recuperar cinco momentos de figura.

I. A ENTRADA DO USO DO GALEGO NA UNIVERSIDADE.

Na primeira década do Século XX, Porteiro, é um dos primeiros activistas estudantis junto Santiago Carro, Nicanor Crespo, Fernández Mato, Xaime Quintanilla, Fuciños, e o próprio Castela, que alentados por Salvador Cabeza de León e Armando Cotarelo Valledor (muito activos em política na primeira década do século) tomam consciência da necessidade de galeguizar a universidade.

Porteiro foi um dos principais líderes no conflito gerado pola negativa do reitorado e Ministério à proposta de Gumersindo Busto para constituir a Biblioteca América, em 1909. Momento em que os estudantes, ao apelo de Busto, conseguirão dobrar a vontade do claustro e encetarão uma tradição de activismo estudantil continuado e atento à sociedade e política galega. Entre 1910 e 1911 participará abertamente desde a associação estudantil Joven Galicia na mobilização anticaciquil e agrária.

Joven Galicia destacará ainda polo seu posicionamento na reivindicação da Cátedra de Língua e literatura Galaico-portuguesa, que o Ministério pretendia instalar em Madrid e não

em Compostela. A campanha encetada a fins de 1910 polo professorado (com um artigo de Juan Barcia Caballero, o regionalista conservador seguido dos seus colegas Armando Cotarelo e Salvador Cabeza de León) seguiu-se de uma reivindicação estudantil organizada, com destacado protagonismo de Ramón Fernández Mato, que teve ampla repercussão (comícios, encontros, artigos, comissões) na consciência galeguista dos moços universitários.

Doutorado em Madrid e prémio extraordinário, renunciará a uma carreira que se promete brilhante na capital, para retornar à Galiza. Em 15 de Março de 1915, Porteiro toma posse da vaga de auxiliar de Direito Civil na Universidade de Santiago. Secretário da Faculdade e temporariamente Secretário-Geral da universidade, foi um pedagogo dinâmico e moderno, mui apreçado polos alunos.

Como docente, inaugurou com uma palestra em galego, em 16 de Setembro de 1915, «A transformación do direito civil pola gran guerra», no Paraninfo da universidade compostelana, uma prática que não terá a sua continuidade até os anos vinte e trinta com os actos organizados pola Federación Universitaria Escolar dos Carvalho Calero, Seoane, Manteiga, Fernández del Riego...

II.A ASSOCIAÇÃO POR VEZ PRIMEIRA DO PROBLEMA LINGUÍSTICO DA GALIZA À REIVINDICAÇÃO POLÍTICA.

O que será manifestado em jeito de programa concreto e com uma pinga de subversão estética em três discursos fundamentais.

Nos 12 pontos do «Discurso do dr. Porteiro ô fundarse a hirmandá en Santiago» (28/05/1916), para além do libre-cambismo, da reivindicação do direito civil próprio para Galiza, da autonomia, da obriga da administração e da justiça de saber galego, e de vários temas económicos (II. O Renascimento hispano, e a Guerra, III. A conciencia do nosso pecado, IV Amar a España e á Galicia) já se destaca a integração conceptual do direito individual e da soberania colectiva com o problema linguístico (I. Falar i escribir galego como seipamos).

Também lamenta Porteiro, neste discurso que não se queira «defender o galego [...] como meio de intelixencia com Portugal e a parte de América por el civilizada» (V. A nosa posición n-o mundo) e do menosprezo da música (X. O arte. A música galega). A importância da música «linguaxe da i-alma nos momentos subrimes», como parte do renascimento cultural implica o desenvolvimento dos grupos e massas corais, obriga ao estudo e ao apoio das manifestações e festas populares. Da música passa-

se a poesia e o papel de Cabanillas (XII) como vate sucessor e proa da literatura nacional emergente.

Em 11 de Fevereiro de 1917 (aniversário da I República), Lois Porteiro aparece vestido de elegante e subversivo fraque no salão do Casino republicano da Crunha, para dar uma palestra que se converteria em acontecimento político e social. Nela, em galego, anunciava-se a passagem das Irmandades, de simples grupo de «Amigos da fala» a organização com projecto político, afim -mas diferente- do Republicanismo.

Os efeitos foram contundentes. Por uma banda, deram-se de baixa das Irmandades os elementos só regionalistas, culturalistas e espanholeiros, arrepiados pelo salto à política radical. La Voz de Galicia, até a data impressora de ANT, bota o semanário das suas máquinas e passa a fazer-lhe guerra aberta desde as suas colunas (até hoje). Pela outra, os chefes republicanos que viram com simpatia discipliente os irmandinhos, começam a perceber a passagem de poderosos activistas e moços à nova formação. O que redundará também em guerra aberta pela quota do mercado político.

Fica ainda um dos seus textos mais pragmáticos: A los gallegos emigrados (1918). Texto menos polémico, mas de orientação possibilista, destinado à construção de um modelo de

financiamento «à irlandesa», para a constituição de escolas, editoriais, imprensa, um Instituto de estudos galegos...

A análise da panorâmica do capital e a imprensa, era unha evidência para o nacionalismo político daquela altura. A acción das colectividades e particulares emigrados podía romper esta situación de desgaleguización (uma geração ainda?) e, niso, incide Portero:

«La ayuda que no nos presta el comercio, la industria y la banca –iesta banca desnacionalizada, dragadora de nuestro capital, que lo enterró en valores extranjeros empobreciendo el propio mercado, miope, sugestionada por una serie de errores!- han de proporcionárnosla con el tiempo los industriales y comerciantes gallegos instalados en América, que nada tienen que temer del cacique gallego.

Además, creo yo –y este es un criterio personal que no expuse en ningún escrito ni discurso- que nuestros comerciantes e industiales tardarán aún una generación en galleguizarse.» (La acción de los «americanos», p.21)

III. O PROTAGONISMO NO REENCONTRO COM O ACTIVISMO CATALANISTA.

Que terá um carácter continuado e pessoal com Cambó e no qual destaca a já comentada visita em Novembro de 1917, da turma de galeguistas, a Barcelona e na complexa compra do jornal crunhês El Noroeste.

IV. O ABRENTE DA CAMPANHA ELEITORAL DE 1918, A PRIMEIRA EM QUE SE USOU O GALEGO E A PRIMEIRA EM QUE SE APRESENTOU A DEPUTADO UMA PROPOSTA NACIONALISTA GALEGA.

Mas que além de evidenciar que a aposta nacionalista tinha futuro, logrou por em evidência o sistema caciquil e corrupto da restauração.

Capítulos estes dous que, por problemas de espaço, ficam comprometidos para mais adiante, pois o que agora me interessa destacar é:

V. A MELHOR PROCLAMA NEOFALANTE QUE CONHEÇO.

Reproduzo um trecho que pertence ao corpo do «Discurso do dr. Porteiro ô fundarse a hirmandá en Santiago» publicado primeiramente, como solto em ANT (A Nosa Terra, nº3, A Crunha, Dezembro de 1916):

«FALAR Y-ESCRIBIR EN GALEGO, COMO SEIPAMOS»

Aquí me tedes, pesaroso e triste por non corresponder a intensidade do momento: ledo e venturoso, xa que por moi mal que fale, sempre me alumearía o lóstrego do ideal que nos xunta hoxe, e que dend'antano latexa n-o noso corazón.

Escribo en galego e escribo mal. ¡Qué queredes!...Nunca hastra hoxe, escribín. Xamáis mo ensiñaron nin eu me preocupei dó deprender! E agora, pregúntobos: si podó escribir

–mal, todo o mal que vós queirades- no idioma que non deprendín nas escolas, nos epitomes nin nos dicionarios ¿n'e verdade qu'isa lingua debe ter raíces moi fondas no meu peito, na y-alma da miña raza cando non-a enterraron para sempre os abandonos alleos e os propios? ¿N'e verdade qu'ese idioma é unha realidá forte e latexante que nós temos esquecida, pro que vive no noso espírito e que ten qu'esnaquizar a lousa qu'o cobre, sempre que fagamos ensamen de conciencia e nos dispoñamos á recontar e cribar os valores que forman o edificio da cultura, e as espranzas da raza?

A redimir este idioma do aldraxe que d'él fan, non os alleos, que non sinten nin pensan n'él e non teñen por qué estimalo (bastáralles si acaso gardarlle os respetos debidos), sinón os propios, quizáis nosoutros mesmos, encamiñáanse a «Hirmandade dos Amigos da Fala»; e como o idioma é sempre verbo d'un mundo de pensamentos e sentimentos, diferente dos outros no seu molde pol-o menos, a chamada para defensa do pol-o menos, a chamada para defensa do idioma esquecido, é primeiramente, un requereamento de ensamen de conciencia regional. *Luis Porteiro Garea. Profesor da Universidade compostelana.*

Este texto, para além de motivador para qualquer um que pretenda escrever em galego é muito interessante para a compreensão do jeito em que o galego se aprendeu

tradicionalmente e como passou a ser escrito, como podia ser recuperado e como esta recuperação passava inevitavelmente por um processo de conscienciação nacional (regional no texto). Isto é, política e social para além de linguística. Linguística política, que diria António Gil.

Acho que os erros exagerados (ainda poderíamos acrescentar um par mais) polo autor fazem parte, como o fraque, da estética de subversão anticolonial do neofalante. Pessoalmente, acho que este trecho descreve muito bem a sensação que todos temos e não damos tirado ao empregarmos este idioma que não nos ensinaram nas escolas e mal aprendemos como pudemos.

A história do galeguismo, da reivindicação da língua e a cultura é um processo descontínuo que, como sabemos, repete umas mesmas descobertas, posicionamentos, debates e contradições. Caracterizados por uma sequência, mais ou menos comum, que leva do individual ao colectivo, modificada em função de coordenadas de classe e circunstâncias sócio-económicas e sócio-políticas. Dos grupos e redes de que se forma parte.

A prática de galego escrito é decisão pessoal e dolorosa, tal como o destaca Lois Porteiro Garea. Os mesmos problemas de qualquer um de nós: alfabetização em castelhano; ausência de

material de recurso: gramáticas ou dicionários; carências de tradição impressa (e as raríssimas compostas por uma série de variantes notáveis); comparação com o falado familiar, local e geral até destilar uma escolha individual em conflito com a sociedade e a política.

E isto não vai mudar. Não enquanto as soluções e as propostas continuem no individual e na vontade particular, como já disse não há muito o Valentim Fagim neste site. Sendo um pouco humildes, em nenhuma Norma das quais existem ou existirão, há tanta cousa. Não é muito diferente do que individual ou em grupinhos foram improvisando os nossos bisavós das Irmandades, os avós de Galáxia, os pais escuros dos anos escuros, ou os irmãos mais velhos um tanto tímidos que nos precederam.

Levo vinte anos tratando de aprender a escrever e falar com jeito. E ainda estou neste ponto. Pesaroso e triste, porque a minha prosa não corresponde à intensidade do momento. Ledo e venturoso, porém, já que por mui mal que escreva, sempre me alumia o lóstrego do ideal que nos convoca hoje no PGL, que desde antano lateja no nosso coração.



Fotografia de Luís Porteiro em 1918, ano no que finaria com só 29 anos, sendo enterrado na Ponte Carreira (Frades).

II

A EMBAIXADA DE BARCELONA DE 1917²

«Avui el galleguisme es troba al recolze on el regionalisme gira cap al nacionalisme. La visita dels gallecs va completar els actes d'amistat i aliança entre els pobles peninsulars desperts o que es comencen a despertar.»

«La Setmana gallega» em Anuari de Catalunya 1917.

Um dos momentos mais interessantes, para mim, da história do nacionalismo galego é o período 1917-18. O dos episódios protagonizados sob a chefia natural -mas infelizmente muito breve- de Lois Porteiro Garea, polos quais o nascente culturalismo regionalista das Irmandades de Amigos da Fala vira em plataforma política nacionalista. Entre esses episódios destaca a Semana Galega de Barcelona de 1917.

Ainda que o sentido político da viagem já foi estudado por Xosé Estévez (De la triple Alianza al pacto de San Sebastián 1923-1930, Mundaiz, 1991) e amplamente contextualizado por Antón Capelan («Poemas para unha embaixada de outrora» em Diatribas Manuelinas, Laiovento 2004), aproveitando a gentileza

² Publicado originalmente no Portal Galego da Língua o 11 de Julho de 2006, com a dedicatória “Para Francisco Vázquez Corredoira).

do PGL, fazemos hoje crónica, a ver se se nos apaga o mal sabor de boca do espermático Grande encontro manchego (que diriam Reimundo Patinho e Chichi Campos se vivessem) de há três semaninhas.

Em Janeiro do ano 1917, a Irmandade da Crunha promovera um Comité de Acção Galeguista, encarregado da organização de comícios e palestras para espalhar o movimento por toda a Galiza agrária. Em 11 de Fevereiro de 1917, Porteiro Garea falava no Casino Republicano da Crunha, convidado pola directiva. Esse salto à política teve rápidas consequências. Aparecem os ataques públicos ao regionalismo na imprensa e, desde 26 de Fevereiro, a impressão de A Nosa Terra passa do obradoiro de La Voz de Galicia a Roel.

Em Julho de 1917 os Parlamentários catalães, fartos da pressão da Juntas militares, e trás dous anos de reclamação no Congresso polo uso do catalão nas instituições do Estado, organizariam o seu mais sério desafio à Monarquia espanhola, constituindo-se em Assembleia. A Assembleia decorreu em 5 de Julho, às cinco da tarde, no Consistori nou de l'Ajuntament de Barcelona. A proposta chegará a ameaçar seriamente o tinglado da Restauração.

Infelizmente as instigadoras protestas encetadas pola Lliga e secundadas pola maior parte dos deputados e concelheiros

catalães, que pretendiam uma reforma sistemática e escalonada até converter Espanha num Estado mais descentralizado e democrático, logo se viram superadas pelo discurso radical que encetará a esquerda obreira em 1917.

As jornadas de mobilização e violência, e de repressão, que se seguiram aos dias de greve de Agosto de 1917, congelariam em muita medida o discurso regeneracionista de muitos intelectuais e políticos de cor mais conservadora. Que, despavoridos, recuaram dos seus posicionamentos de reforma, para muitos, como o próprio Cambó e o mesmo Risco, acabarem coincidindo -terror à massa movimentada- numa desconfiança certa pela democracia popular. Temores que em três anos iam dar lugar à primeira Ditadura, amplamente apoiada por intelectuais e políticos conservadores.

O Estado aproveitou também as jornadas levantiscas para proceder a uma substituição de concelhos molestos, para reprimir com uma sanha sem precedentes o obreirismo; para declarar o estado de alarma e impor a censura. Neste contexto, é normal que as conclusões e declarações da Assembleia de Barcelona ficassem em papel molhado.

Porém, nesse convulso 1917, o discurso da Lliga regionalista é recebido com entusiasmo pelas Irmandades da Fala, que recolhem no seu «idearium» A Nosa Terra, dúzias de notas sobre

a Catalunha, entre eles o sonado «Catalonia, mater iberorum» (ANT 30/07/1917). Já nesse ano sabemos de encontros pontuais de galegos e catalães, continuando a tradição que a nível pessoal se mantinham desde os tempos da Liga Galega na Crunha e Solidaridad, encontros que a rede de viajantes de comércio galegos e catalães facilitava.

Em 10 de Setembro, Francesc Cambó chega à Galiza em companhia de Xavier Calderó (1º tenente de Alcalde de Barcelona), visita a II Exposição de Arte Galega e manteve uma reunião com a directiva da IF da Crunha, naquela altura chefiada por A. Vilar Ponte e Rodrigo Sanz. A figura de Aurélio Ribalta, com grande presença em Barcelona nestas datas é fundamental. Neste ambiente é que se decide montar a Semana Galega de Barcelona.

Em 23 de Novembro de 1917, à tarde saíam de Compostela para A Crunha, Porteiro Garea e Leandro Pita Romero (aluno naquela altura de último de direito e discípulo dilecto do líder galeguista), para se reunir lá com os demais representantes do regionalismo. Ao dia seguinte encetavam caminho cara a cidade condal.

O programa de actos, que compreendia um ciclo de palestras e encontros (vid. «La excursión regionalista» em Gaceta de Galicia, 23-11-1917), teve ampla repercussão na

imprensa de Madrid (estes actos, foram amplamente destacados, com certo alarme, pela imprensa de Madrid. Especialmente El Debate fez um amplo seguimento). Não se fez nenhum eco a imprensa galega (que como de costume silenciou um acto de ressonância estatal) excepto Gaceta de Galicia, propriedade do velho regionalista discípulo de Brañas, Francisco Vázquez Enríquez, antigo membro da Liga Gallega de Compostela, militante da Irmandade da Fala e amigo pessoal de Lois Porteiro.

Em 27 do mesmo mês chegavam a Barcelona os regionalistas galegos, no expresso de Madrid. Na ferroviária eram aguardados por representantes do Concelho de Barcelona, Lliga Regionalista, Centro Autonomista de Dependentes de Comercio, Instituto Catalán e diversas entidades, ademais de imenso pessoal. Foram conduzidos ao local da Lliga, onde teve lugar a recepção. Falou Valés i Pujol desculpando a ausência de Cambó e Abadal, indispostos. Celebrou os comissionados galegos e indicou que entre eles «salvariam Espanha». Leram-se telegramas de saudação chegados de Santiago e Lugo e passou-se aos discursos. Começou Antón Vilar Ponte, «Evolución de nuestro regionalismo». A seguir, Porteiro, que falou em galego e informou que a visita dos galeguistas a Barcelona obedecia ao desejo de selar um pacto entre a Galiza e a Catalunha. Peña Novo, com um discurso económico, explicou a

complementaridade dos interesses galegos e catalães. Acabou o acto com vivas às duas nacionalidades («Los regionalistas gallegos en Barcelona» em Gaceta de Galicia, 27-11-1917).

Dedicaram os excursionistas o dia 28 a visitar os diversos centros catalanistas e vários lugares da moderna capital. O segundo dia de propaganda foi o 29. No Instituto Agrícola Catalán pronunciou Peña Novo, em galego, a sua aguardada palestra: «O problema e organizacións agrarias en Galicia». No salão de actos do Centro Autonomista de Dependentes de Comercio decorreu, o mesmo dia, o comício de afirmação regionalista e de reivindicação linguística e nacional. A presença dos delegados galegos foi celebrada com uma salva de aplausos e uma longa ovação de vivas à Galiza e à Catalunha.

Abriu o acto o Sr. Cambó, depois falou Ribalta e, de seguido, o que seria a estrela do acto: Lois Porteiro. O discurso, em galego, começa versando sobre o feito da coexistência não problemática das línguas espanholas numa mesma assembleia, sem problemas de comunicação. Resume a história da Galiza nas suas chaves próprias, hispanas, ibéricas e americanas e, contestando os comentários de El Debate ante a palavra «nacionalismo», expõe um relatório claro da história do movimento regionalista ou nacionalista, da sua obra e transcendência, indicando que é a ideia do regionalismo e que é o que os seus defendem.

Resume Porteiro que o Regionalismo está aberto a todos aqueles homens dos partidos que o desejarem. Refuta a acusação de separatista, indicando que no programa regionalista não existe nada que vá contra das leis de Espanha, acusa por isto de separatistas os caciques que não fazem senão violentá-las. Gaba Catalunha e a sua resistência contra a ignorância centralista. Tem uma lembrança para os emigrantes que mostram com os seus esforços pessoais e sociais, em Estados que também não os protegem, que a fatalidade da Galiza é filha de um caciquismo que por riba de não proteger, persegue os seus filhos. Tem duras palavras contra o projecto de Mancomunidade que a modelo da Catalunha, mas sem qualquer espírito, pretendem criar em 24 horas os caciques políticos galegos. E solicita a ajuda do catalanismo para se livrarem do caciquismo. E, finaliza posicionando abertamente o regionalismo fora dos partidos do sistema canovista:

«Un hábil diputado besadista indicaba recientemente que todo pudiéramos hacerlo dentro de los partidos viejos o por lo menos sin vuestra ayuda. Es falso y él lo sabe muy bien: yo puedo probar que todos los movimientos iniciados en Galicia desde 1898 fueron ahogados por el terrorismo del poder persiguiendo ferozmente a los propagandistas; obligando a emigrar a muchos labriegos, persiguiéndolos como criminales por haber discrepado del criterio de la política. Y no hablemos

del falseamiento de la voluntad popular. En mi última conferencia os cité algunos casos y quedan en mi catálogo muchos más. En estos días acaban de hacerse proclamaciones por el artículo 29 a puertas cerradas.» (Destacados nossos, em «Propaganda regionalista. Extracto de los discursos pronunciados por los Sres. Porteiro y Cambó en Barcelona», em Gaceta de Galicia, 11-12-1917)

Encerra o acto Cambó, com um recorde à memória de Brañas, e aos tempos das Solidariedades catalã e galega e começa um brilhante discurso no qual oferece o apoio da Lliga á Irmandade, pois nela enxerga, por fim, a organização capaz de encarrear as paixões que latejam na Galiza. Lembra o papel de Augusto González Besada, o político galego eleito polo governo para responder, desde o auto-ódio servil, as propostas do Deputado Morera i Galicia a respeito da cooficialidade dos idiomas espanhóis no debate há pouco sustido nas Cortes. Destaca a importância de que a Irmandade faça uma propaganda política verdadeiramente galega e diferenciada, destinada a conseguir a sua voz nas Cortes. A análise de Cambó sobre a política galega é clara (e válida para hoje):

«Galicia –sigue- ha producido muchos políticos, pero no ha creado una política. Cataluña no ha dado políticos apenas, y sin embargo, supo crearse una política.

Fijáos bien. Habéis tenido centenares de ministros gallegos, y nunca se ha hablado de representación de Galicia, porque aquellos hombres sólo ostentaban en el Gabinete la suya propia. Ahora, nosotros tenemos sólo dos nombres en el Gobierno y no oiréis hablar de otra cosa que de la política catalana.» («Los regionalistas. Discursos de Porteiro y Cambó» em Gaceta de Galicia, 3-12-1917)

Mas, o fundamental do discurso de Cambó é a importância que outorga ás eleições do vindouro ano:

«Las próximas Cortes han de ser decisivas para España. No las convoca el Gobierno de ningún partido; y, por lo tanto, no podrán ser disueltas por la caída de ningún gabinete. Durarán el tiempo legal y darán testimonio y fiscalizarán cuanto en el transcurso de cinco años ocurra. [...]

Galicia debe ir a ese parlamento con representación propia. Es preciso que en estas Cortes venideras esté el alma gallega. Para ello estará siempre nuestro concurso.

Tengo la impresión que del resultado de las elecciones en Galicia dependerá la estructura de las Cortes.» (Ibidem)

E, a promessa de manter os acordos da Assembleia de parlamentários de Barcelona:

«En cuanto a nosotros, iremos a ellas manteniendo íntegras, sin escamoteos de ninguna especie las conclusiones de la Asamblea de parlamentarios.» (Ibidem)

O acto findou com «Els segadors», que foi respondido polo coro de galegos entoando o «Hino galego». Porteiro e Sanz, subidos numas cadeiras e rodeados da multidão, proferem vivas à Catalunha que são mui celebrados. São acompanhados por uma manifestação popular que canta «El Segadors», entre vivas, ao hotel dos galegos. Alguns galegos presentes começam a cantar outras cantigas galegas, às quais se somam Porteiro, Sanz e Vilar Ponte. Da porta, Sanz dirige breves palavras à multidão. Porteiro, aclamado e abraçado, dá um possante: «Visca Catalunya rica e plena», que enche a rua de brados e aplausos.

No Institut d'Estudis Catalans, em 30 de novembro, Aurélio Ribalta ainda pronunciaria a palestra «A personalidá filolóxica de Galicia» e Pita Romero falaria no Ateneu barcelonês em 3 de Natal sobre literatura galega. Segundo o amigo Antón Capelán (op. cit., p.100), as versões catalãs das duas palestras seriam recolhidas nos números de Fevereiro e Maio de 1919 dos Quaderns d'estudi, mensário do Institut d'Estudis Catalans, dirigido naquela altura pela mão direita de Prat em temas culturais: Eugénio D'Ors (naquela ainda Xênius).

Finalmente, fruto desta embaixada seria publicada, pela Juventut Nacionalista de Barcelona, uma raríssima e muito bela

selecção poética de Rosalia, preparada e editada por Ribalta (na sua ortografia, daquela uma opção com força) e mais a publicação do volume *Poesies gallegues extretes del llibre titolat Cantares Gallegos* traduït per Joan Mati i Trenchs.

Cambó visitará a Galiza em 17 de Natal desse ano e chegará os dinheiros para a compra do jornal EL NOROESTE. Aventura precisa para a propaganda eleitoral, que fracassará amargamente polo choque de interesses entre a esquerda galeguista e a direita catalanista, não sem antes ter servido como plataforma para o fundamental suplemento Nós: páginas de cultura e para a edição dos 17 volumezinhos de Terra a Nosa!: Biblioteca popular galega, primeira editorial com sucesso e a sério da Galiza. Voltará ainda em Setembro de 1929, naquela altura visitará a sede do SEG e pronunciará aquelas elogiosas palavras sobre a cativa mais «xúrdia» das nossas antigas instituições culturais.

Nota: Dos discursos de Cambó e Porteiro de 28 de Novembro, existe um amplo extracto em «Propaganda regionalista. Extracto de los discursos pronunciados por los Sres. Porteiro y Cambó en Barcelona», em *Gaceta de Galicia*, 11-12-1917.



Foto, em Anuari de Catalunya 1917, dirigit per A. Rovira i Virgil, Barcelona: Miverva, 1918, p.58[Em primeira linha. Leandro Pita Romero (frente), virado: Luís Peña Novo, em presidência: Rovira i Virgili (?), Antón Vilar Ponte, Francesc Cambó, Rodrigo Sanz, Raimon d'Adabal, Lois Porteiro Garea, Aurélio Ribalta (?)]

III

AS ELEIÇÕES DO “ANO DA GRIPPE”³

Em 11 de Janeiro de 1918, a Irmandade da Fala de Compostela, sob a presidência de Lois Porteiro Garea, reunia-se para analisar os atos protagonizados conjuntamente com os Catalães ao longo dos últimos meses e para preparar o ano eleitoral.

Acordou-se nessa reunião procurar local próprio, fazer um regulamento e nomear sócios protetores os senhores Blanco da Peña e Xesús Vázquez Enríquez. Acordou-se enviar um telegrama de agradecimento a Peña Novo pelas respostas dadas a Leonardo Rodríguez. E outro a Rahola. Decidiu-se nomear presidentes de honra Xesús Corredoyra pelo triunfo de Bilbao e Ramón Cabanillas. Contestou Porteiro as: “Burradas ditas en Vilalba, no circo dos Antonianos e diante de caciques pol’o deputado por Besada, D. Leonardo Rodríguez”.⁴

Em 15 de Janeiro, Porteiro, em resposta a Patricio Orobio, volta a definir o programa e o carácter do movimento nacionalista

³ Este apartado recolhe boa parte do trabalho *As eleições no “ano da gripe”*, que Ernesto Vázquez Souza publicara originalmente em Gze-ditora nº 16, projecto editorial electrónico da Associação Galega da Língua (AGAL), inserido no Portal Galego da Língua (www.pglingua.org). Agradecemos-lhe à AGAL o consentimento para empregar aqui esse material.

⁴ “N-a Irmandade da Fala de Santiago”, em *Gaceta de Galicia*, 12-1-1918.

que agrupam as Irmandades. Insiste na campanha mistificada que contra eles estão a levar os políticos do regime, ora acusando-os de separatistas e revolucionários, para os privarem do voto das direitas; ora fazendo-os imitadores e servos da plutocracia catalã, para privá-los do voto operário e labrego.⁵

Como primeiro dos atos de confraternização desse ano, entre o regionalismo catalão e galego, em 25 de Janeiro realiza-se a prevista homenagem a Rosalia de Castro diante do seu monumento em Santiago. Os delegados catalães assistem à colocação da coroa de bronze na estátua de Rosalia.

No mesmo dia 25, a ***Gaceta de Galicia*** publica os “Principios políticos y económicos que se compromete a defender e apoyar co voto no Parlamento, si a él vai, o candidato por Celanova, LUIS PORTEIRO GAREA”⁶.

Em 27 de Janeiro, sai a nota editorial do semanário agrarista, ***Ecos del Eume***, (414 27-1-1918) que se encabeçava: “Contra la oligarquía y el caciquismo. A votar por Rodrigo Sanz”, rompe a campanha indicando que “el Sr. Wais representa al caciquismo, la arbitrariedad, la vieja política con todas sus malas artes”⁷

⁵ A resposta de Porteiro, sobre qual deve ser o nome que adopte o movimento, se *regionalistas*, *galeguistas* ou *nacionalistas* está exposta em P.[orteiro Garea, Luis], “Opiniones sobre el regionalismo” em *Gaceta de Galicia*, 15-1-18.

⁶ Vid. em Apêndice

Mas, a verdadeira campanha eleitoral dos regionalistas começa após a compra do jornal **El Noroeste** pelos homens de Cambó – e isto é uma outra história – na Galiza. Em 30 de Janeiro, Pedro Muntañola proferiu uma conferência no amplo local das Irmandades, ante numerosa concorrência, em que destacavam muitas senhoras⁸. Apresentado por Rodrigo Sanz, dissertou sobre o tema “Los dos patriotismos”. Explicou as vantagens da mudança da Constituição proposta pela assembleia de Barcelona, enfatizou a crítica às oligarquias e protestou ante a alcunha de separatismo.

Em 2 de Fevereiro, anunciam-se os candidatos⁹ e a Irmandade da Fala começa um ciclo de conferências. Inaugura A. Villar Ponte apresentando Johan Vicente Biqueira, quem desenvolve o tema “Os problemas educativos de Galicia”. Em 3 de Fevereiro, chegam à Estação de trens Pedro Rahola e representantes do catalanismo, esperados por Pedro Muntañola e um pequeno grupo de Irmãos da Fala, os que, segundo a

imprensa da época, “saludaron a los viajeros con aplausos y vivas a Cataluña y a Galicia libres”¹⁰.

Às oito da noite do mesmo dia 3, no local da Irmandade, o catedrático auxiliar da Universidade de Compostela, Luís Porteiro, inaugurava a campanha com uma conferência titulada “A nosa loita”. A conferência de Porteiro foi recebida com calor e entusiasmo. Centrou-se na campanha eleitoral, versando sobre o caciquismo dos seus oponentes e manifestou a sua oposição ao sistema político actual. Depois falaram Villar Ponte e o Sr. Rahola, que manifestou a sua fé na renovação. Para rematar cantou-se o Hino e acompanhou-se os Catalães até ao seu alojamento¹¹.

A campanha regionalista foi terrivelmente atacada por quase toda a imprensa galega. Especialmente hostis se mostram as páginas de **La Voz de Galicia** de Janeiro e Fevereiro de 1918¹², que fazia campanha a prol do seu principal acionista José M^a Ozores de Prado¹³. Recolhem-se, entre opiniões e

⁷ Para a eleição de 1918 em Ponte d'Eume: VILARIÑO, Sindo, “Agrarismo, Rexionalismo e Prensa local a comezos do XX. Notas Históricas” en *Cátedra. Revista eumesa de estudos*, 1, Pontedeume, 1994, pp. 25-34.

⁸ “La Conferencia de Muntañola”, *La Voz de Galicia*, 30-1-1918.

⁹ Nomes, dados e circunscrição por que se apresentam na *La Voz de Galicia*, 2-2-1918 e 3-2-1918. Mais dados sobre a expectativa das eleições e o “encasillado”: “Ante las elecciones. El acto de Hoy” *La Voz de Galicia*, 17-2-1918 e “Ante las elecciones” 19-2-18.

¹⁰ “Elecciones. La Campaña Regionalista”, *El Orzán*, 4-2-18

¹¹ Dados em *El Orzán* e *La Voz de Galicia*, 4-2-1918.

¹² Na secção “Tribuna libre” de Janeiro e Fevereiro desenvolvera-se uma linha de opiniões anti-regionalistas, baixo uma aparente linha objetiva, v.g. “Tribuna Libre. Cartas as Sr. Cambó. Sobre el regionalismo político y económico de Galicia”, *La Voz de Galicia*, 24-1-1918; ou como nos artigos de Casás, ataques directos, sem possibilidade de resposta. Também a pontual entrevista a Noriega Varela, escritor nada favorável à politização do galeguismo: “El Cantor de Nuestra Montaña. Noriega Varela”, *La Voz de Galicia*, 5-2-1918.

¹³ Dous dias antes das eleições cruza a primeira plana de *La Voz* um grande anúncio de apoio, bem como várias opiniões quase editoriais.

comentários anti-regionalistas, amplas resenhas dos atos do Instituto de Estudios Gallegos¹⁴. Não por acaso numerosas páginas de opinião são ofertadas às duras verbas do próprio Manuel Casás¹⁵.

Entrementes, os comícios eleitorais e conferências foram rebentados, precisamente onde se supunham possibilidades de êxito: Compostela¹⁶, Ponte d'Eume, Ferrol¹⁷, a Estrada¹⁸ e

¹⁴ “En el “Circo de artesanos. Instituto de Estudios Gallegos”, *La Voz de Galicia*, 18-1-1918; “En la “Reunión de Artesanos. Estudios Gallegos”, *La Voz de Galicia*, 21-1-1918; “En la “Reunión de Artesanos. La conferencia del Sr. Martínez Morás”, *La Voz de Galicia*, 23-1-1918; Barcia Caballero, *La Voz de Galicia*, 26, 27 e 30 de Janeiro, 1918, “En el “Circo de artesanos. La Conferencia de Barcia Caballero”, *La Voz de Galicia*, 28-1-1918; “De la reunión de Artesanos. Conferencia del Capitán García Rey”, *La Voz de Galicia*, 30-1-1918; e “Estudios Gallegos. La conferencia del canónigo López Carballeira”, *La Voz de Galicia*, 1-2-1918; também 8-2-1918.

¹⁵ CASÁS, M[anuel], “Tribuna libre. El Regionalismo en Galicia. El idioma y el imperialismo catalán”, *La Voz de Galicia*, 13-1-18; “Tribuna libre. El Regionalismo en Galicia. La resurrección de los dialectos locales”, *La Voz de Galicia*, 22-1-18; “Tribuna libre. El Regionalismo en Galicia. Las regiones se españolizan por el idioma”, *La Voz de Galicia*, 2-2-18; “Tribuna libre. El Regionalismo en Galicia. Restauración de los idiomas nacionales. Los Felibres”, *La Voz de Galicia*, 2-2-18; “Tribuna libre. El Regionalismo en Galicia. Enseñanzas de la última jornada. Mirando al porvenir. Acción Gallega”, *La Voz de Galicia*, 28-2-18.

¹⁶ “Con Letra del siete. El tuno de Rahola”, *La Voz de Galicia*, 7-2-1918.

¹⁷ Vid. para o primeiro comício, *El Orzán* e *La Voz de Galicia*, 9-2-1918; para o segundo acto “Los regionalistas en Ferrol. Mitin suspendido”, *La Voz de Galicia*, 23-2-1918.

¹⁸ “Aunque nos explicamos que algo de lo que viene diciéndose estos días en torno de la propaganda catalanista o nacionalista en Galicia, exalte los ánimos de las gentes que ante todo y por encima de todo sienten y proclaman la perfecta unidad de la patria y no se dejan deslumbrar por ofrecimientos pomposos, no podemos menos de lamentar y aún censurar lo acontecido en La Estrada” em “Un mitin Catalanista”, *La Voz de Galicia*, 8-2-1918.

Ourense¹⁹. Especialmente assanhados na identificação com o catalanismo foram os caciques tradicionais, os agrários de Basilio Álvarez, os republicanos e anarquistas. Os dous primeiros, apoiados por *La Voz de Galicia*²⁰, *El Orzán* (constituído pela antiga redacção de El Noroeste e ao serviço da Oligarquia liberal crunhesa) e *La Zarpa* (órgão de Basilio Álvarez) empreenderam badaladas campanhas “antisseparatistas” que exacerbaram os ânimos e provocaram graves incidentes. Os dous últimos rentabilizaram a direitização da *Lliga* e a tomada de postura de Cambó²¹ no apoio ao governo após a greve operária de 1917.

Acusava-se, pois, os regionalistas de falsidade na propaganda, de não indicarem nos seus programas o apoio à Assembleia de Parlamentares e a sua intenção de reformar a

¹⁹ Una Conferencia, *La Voz de Galicia*, 11-2-1918.

²⁰ A postura ambígua de *La Voz de Galicia* em “Propaganda electoral. No hay razón”, 10-2-1918.

²¹ As correntes nacionalistas que desde fins do XIX se consolidaram em Catalunha agromaram definitivamente como século e a personalidade de Prat de la Riba, quem logra fundir nele as aspirações da burguesia industrial catalã. O seu êxito nas eleições de 1901 é muito assinalado e marca o começo duma representação do poder autónoma (fora dos partidos turnantes e estatais). Não obstante, os interesses de classe acabaram por predominar sobre o discurso nacionalista e reformista e darão lugar, liderando F. Cambó, com o incremento da conflituosidade laboral (a partir de 1910) a que a Lliga encarreire o seu discurso no centro direita. E nasçam, a partir de 1915 a 1917, outras correntes nacionalistas de esquerda. Nas correntes da esquerda posicionar-se-ão os herdeiros do federalismo e as classes médias baixas (empregados, dependentes de comércio, professores, universitários, jornalistas...) empenhados numa reforma radical do sistema.

Constituição. Ademais, republicanos e obreiros insistiam no alheio à luta de classes que era o nacionalismo.

Os candidatos eleitorais fi guraram como Regionalistas, nalguns jornais apareciam como adscritos ao catalanismo de Cambó, e outros iam em qualidade de agrários. Basilio Álvarez pronunciou-se abertamente contra a campanha e preparou a eleição duma fi gura tão particular, hesitante e camaleónica como Luis Antón del Olmet por Trives.

O agrarismo de Basilio e o seu meio *La Zarpa* actuariam para proteger os interesses e *cacicado* político do abade de Beiro na política espanhola. A consecução das atas para Basilio, “extraordinario orador e guieiro hacia ningures”²² como tão bem o sintetizou Blanco Amor, levá-lo-ão a um constante confronto com o regionalismo e a um constante abeiramento ao sistema até as suas contraditórias colaborações plenas na Ditadura de Primo de Rivera, ata republicana e morte exilada²³.

Segundo Xusto G. Beramendi, a imagem moderada que Cambó quisera impor às candidaturas galeguistas fez com que, via Rodrigo Sanz, fosse designando como candidato pela Crunha o “direitista” Antón Valcárcel em lugar do fundador das Irmandades. E Antón Villar Ponte não era homem que aceitasse

²² BLANCO AMOR, Eduardo, “Prólogo útil” em *Xente ao lonxe*, Galaxia, Vigo, 1972, p.19.

²³ Vid. ÁLVAREZ, Basilio, *Abriendo el surco. Manual de lucha campesina*, Akal-Editor, Madrid, 1976.

bem tamanha aldraxe, máxime quando controlava a grande maioria dos afi liados e as relações com os republicanos. A coligação eleitoral com estes, única possibilidade de obter bons resultados na cidade, fracassa, e a própria Irmandade tampouco mostra muito entusiasmo pelo seu candidato. Com este panorama Valcárcel retira a sua candidatura²⁴.

O processo é um pouco mais complicado. No dia 5 de Fevereiro racha-se na Crunha a aliança eleitoral com os republicanos, estabelecida em fi nais de 1917. Esta rotura ocorre ao votarem os republicanos, em reunião realizada no Salão do Casino Republicano, em Santiago Casares Quiroga como candidato e em “un individuo del Comité de Huelga de Agosto” (refere-se a Julián Besteiro) em substituição do candidato pactuado com os regionalistas (Valcárcel)²⁵.

A manobra de exclusão de Valcárcel (elemento moderado que não contava tampouco com o apoio de Ponte e Peña Novo, iniciada por Casares tem muito a ver com o impulso que estava a acadar o movimento nacionalista na Crunha, especialmente com o protagonismo de Peña Novo. A manobra de Casares, é semelhante a que em tempos da Solidariedade protagoniza certo setor do Republicanismo.

²⁴ BERAMENDI, Justo G. & ROCA CENDÁN, Manuel (eds.), *Lois Peña Novo. Obra Completa*, Universidade de Santiago de Compostela/Servicio de Publicacións e Intercambio científico, Compostela, 1995, Vol. I, p. 66.

²⁵ “De Elecciones”, *El Orzán*, 6-2-18.

O **cacicado** dentro das famílias republicanas e o interesse em manter o predomínio por parte de certas “cabeças” será uma constante que marcará a evolução política da Crunha até à Guerra Civil, assinalando claros confrontos entre os sectores mais esquerdistas e autonomistas fronte aos setores economicamente mais privilegiados como os Casares e Suárez Ferrín.

Os ataques à campanha regionalista vão centrar-se no uso do galego e no pretenso separatismo. Em 7 de Fevereiro decorre um **meeting** multitudinário na Estrada. Apesar de “Toda-las potestades caciquiles, altas e baixas, pequenas e grandes que puxéronse en xogo e movimento, pra impedir qu’o mitin se levase a cabo. Revoven a Estrada con Pontevedra e Pontevedra con Madrid”.

Em vista de que não prosperou a proibição do **mitin**, espalhou-se pela feira unha folha impressa na imprensa do **alcalde** em que se pedia aos vizinhos para se armarem com apitos e cornos “pra obsequiare con un concerto aos forasteiros”. Em vista de que não se conseguiu mobilizar a paisanada, arruaceiros profissionais assobiaram e apouparam durante todo o comício.

Os oradores foram líderes agrários e membros das Irmandades. Começou o engenheiro da Estrada, Pardo Ciórraga,

em língua galega; seguiu a este o advogado catalanista Ferrer i Vidal, em castelhano; depois usou da palavra o agrário Manuel Álvarez, que se declara como muitos dos seus companheiros regionalista; tomou a palavra, Xesús Culebras e após ele Gómez Paratcha, daquela galeguista e redactor chefe de **El Herald de Arosa**, quem tributa elogios ao seu mestre e candidato pela Estrada, Losada Diéguez e conclui atacando o marquês de Riestra. Fala a seguir Núñez de Couto, vedranho catedrático do instituto ourensão, quem se defronta aos vociferantes. Intervém Porteiro, indicando que na tribuna onde falam os regionalistas há sempre um lugar para quem quiser contradizer os oradores ou a sua doutrina e convida os contrários a fazê-lo em vez de assobiarem.

O galego de Porteiro domina a concorrência e prepara a intervenção de Losada, quem fala contra Riestra e os seus escravos, assinalando com nomes e apelidos os instigadores dos desordeiros. Fala em seguida Rahola, que fecha. Depois do acto foram obsequiados os oradores com champanhe no Liceo Gimnasio. As nove teve lugar uma ceia íntima com que os moços regionalistas regalaram Losada Diéguez e os excursionistas de Compostela, em que se fizeram votos pelo triunfo do ideal galeguista²⁶.

²⁶ Dados tomados de “Acción Regionalista. Grandioso mitin en La Estrada” em *Gaceta de Galicia*, 9-2-1918.

A 8 de Fevereiro, o **miting** de Rahola no Teatro Joff re de Ferrol²⁷ é rebentado pelo elemento obreiro aos gritos de: “¡Amnistía!, ¡Viva España! ¡Abajo el oro catalán!” e repartindo infirmitade de folhas com o texto: “El país gallego no debe recibir en su suelo la maldita semilla del separatismo catalán”²⁸. Com a mesma hostilidade serão recebidos em Compostela²⁹, em Ponte d’Eume e na Estrada³⁰.

Em 10 de Fevereiro tocará a Ourense³¹ a pita anti-regionalista. Basilio Álvarez protagoniza a oposição e comanda a manifestação e algarada que impede de realizar o **meeting**. A irrupção do elemento operário com gritos em favor do Comité de greves e de “traidores!” para os regionalistas remata em tumulto e intervenção da polícia. No dia 14, o comício de Cela Nova também acaba em motim.

No dia 18, são proclamados os candidatos e, no 20, Antonio Valcárcel retira a sua candidatura, comunicando-o à opinião por

²⁷ Vid. para o primeiro mitin, *El Orzán* e *La Voz de Galicia*, 9-2-1918; para o segundo acto “Los regionalistas en Ferrol. Mitin suspendido”, *La Voz de Galicia*, 23-2-1918.

²⁸ “Mitin interrumpido”, *El Orzán*, 9-2-18

²⁹ “Con Letra del siete. El tuno de Rahola”, *La Voz de Galicia*, 7-2-1918.

³⁰ “Aunque nos explicamos que algo de lo que viene diciéndose estos días en torno de la propaganda catalanista o nacionalista en Galicia, exalte los ánimos de las gentes que ante todo y por encima de todo sienten y proclaman la perfecta unidad de la patria y no se dejan deslumbrar por ofrecimientos pomposos, no podemos menos de lamentar y aún censurar lo acontecido en La Estrada” en “Un mitin Catalanista”, *La Voz de Galicia*, 8-2-1918.

³¹ Una Conferencia, *La Voz de Galicia*, 11-2-1918.

meio dum manifesto que insere na imprensa local e que explica a rotura com os agrários de Sanz e os republicanos:

Plantexóuse a loita, buscando a unión con forzas anticaciqués, unhas, axeitadas á nós pol-as decrarasiós n-iste pobo feitas hai pouco pol-o seu xefe; outras siñifi cadas pol-a sua desligazón dos noxentos partidos turnantes.

Foi un feito que alguén que debiera sel-o noso aliado, por gardarlle lei á vella política —e ollándoa con apego tradicional e idiosincrático— preferiu tére xuntanza coa inerza revellida dos turnantes, á facer liga coa puxanza nova do Rexionalismo; e fói outro feito, que un forte partido democrático créuse no caso de no garantizal-a unión co Rexionalismo, **por coidar que eu non sería do agrado de todol-os votantes da dita organización, dada a siñifi canza que en min se atopa.**

Tras de istes dous feitos, pra min nada entristuradores dende o punto de vista persoal, porque eu era candidato pol-o partido rexionalista e non por min, resultou o isolamento do Rexionalismo local, [...]con grandeira ledicia dos políticos de ofi cio, que viron encallarse o nemigo de iles, ó desfacérese a confruencia anticaciquil. (Subl. nossos)³²

A campaña prossegue, no 20 suspende-se por causas de ordem o **meeting** regionalista em Ferrol e Porteiro dá o seu miting em Cela Nova. O 23 é rebentado o comício de Ponte d’Eume, feudo de Julio Wais³³. E neste ambiente de pressão e

³² “Elecciones. Un Manifi esto”, *El Orzán*, 20-2-18.

³³ Unha pequena biografía política no semanario satírico *La Draga*, Semanario de Crítica política, num. 7, La Coruña. 21-9- 1933, p.4.

com todo o sistema virado contra o galeguismo emergente chega o 24 aguardado dia das eleições.

Ainda que a expectativa para os partidos antidinásticos e regionalistas fora crescente ao longo de toda a campanha, os resultados eleitorais pouco mudam o panorama político.

Os resultados por distritos na Crunha são:

Distritos / Candidatos	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º
Casares	432	601	708	554	523	654	535	822
Besteiro	335	448	650	452	250	555	431	205
José Mº Ozores de Prado	386	378	203	222	360	248	155	357
Marqués de Figueroa	296	295	126	136	317	125	46	164
J. Pan de Soraluce	159	166	54	59	176	49	40	136
Antonio Valcárcel	18	26	6	7	23	1	-	-

Segundo estes dados, e pese ao anúncio de demissão, o candidato regionalista consegue 76 votos. O resultado a nível global destas eleições foi: 150 atas para os conservadores, 150 para os liberais e 100 para os republicanos, regionalistas, socialistas e independentes. Os dados oficiais davam para o distrito da Crunha os seguintes resultados:

Marqués de Figueroa	10.953	votos
Ozores de Pardo	11.584	“
Pan de Soraluce	10.651	“
Casares	5.227	“
Besteiro	3674	“

O amplo distrito em que se inseria a cidade da Crunha deixava fora Santiago Casares, o candidato republicano que tão bons resultados tirara na capital. O fracasso dos regionalistas é acolhido com certa satisfação pela imprensa. Em Ferrol, anuncia-se o trunfo de Angel García Valerio sobre o candidato regionalista, mentres a multidão dá Vivas a **España**. Em Ponte d'Eume, Julio Wais, com 3.500 votos fica por riba de Rodrigo Sanz com 1.800³⁴. Na Estrada, salienta a vitória de Riestra sobre o Regionalista Losada Diéguez³⁵.

Em Cela Nova, Porteiro perde com 2.300 votos frente a Senén Canido. Não obstante, a vitória sobre Porteiro não foi doada. O caciquismo do homem de Bugallal empregou todos os recursos possíveis: coação, assalto de mesas, falsificação de censo e atas, compra de votos, traslado de mesas, fechamento de colégios, bloqueio dos colégios por parte das autoridades, reparto de papeletas às entradas dos colégios por arrecadadores de consumos, **alcaldes**, secretário dos concelhos, polícia... Na própria Cela Nova, até se falara do assassinato de Porteiro:

A tal extremo llegaron los atropellos y las coacciones, que las pocas personas de prestigio que aún militan en el idoneísmo, como el farmacéutico Sr. Melei, que toda su vida trabajó en favor

³⁴ Para mais dados sobre a eleição de 1918 em Ponte d'Eume: VILARIÑO, Sindo, “Agrarismo, Rexionalismo e Prensa local a comezos do XX. Notas Históricas” em *Cátedra. Revista eumesa de estudios*, 1, Pontedeume, 1994, pp. 25-34.

³⁵ *El Orzán*, 25-2-1918.

de Canido, se negaron a votarlo y protestaron ante el Sr. Porteiro, contra el atentado que se fraguara en el Ayuntamiento. Bugallal dió órdenes desesperadas de defensa. Por eso en el Ayuntamiento –seguramente más papistas que el Papa- se fraguó oficialmente el frustrado asesinato de Porteiro. Luis Velo, representante de Canido manifestó publicamente que Porteiro sería asesinado. Este señor delegado de la Tabacalera amenazó a todos los estanqueros para que votasen a Canido.

[...]el escándalo armado en San Ciprián de las Viñas, donde a las ocho de la mañana, presidente y adjuntos, estaban ya borrachos, vaciaron el Censo e impidieron votar a los electores que se declararon todos regionalistas.

Como ven los lectores, menguado triunfo ha sido el del señor Canido. Lleva un acta manchada de sangre, símbolo de un caciquismo homicida y salvaje. Consuélese pensando que como la suya, van las actas de todos nuestros caciques. En la circunscripción, donde los atropellos de Santa Comba pudieron tener –quien sabe si aun tendrán- un final trágico. En Ferrol, donde un cacique de Valdoviño, señor feudal, ladrón de conciencias, alma de tirano, tenía preparadas sus ordas para imponer sangrientamente la candidatura de Valerio si necesario fuera. En Redondela, Estrada, Santiago, en todas partes nuestros caciques, llevan la representación del analfabetismo, siervo fi el de toda tiranía, injusticias, atropellos, venganzas, atentados, salvajismo, ese es el bagaje, el programa que llevarán al

Parlamento los representantes postreros de una política que agoniza.³⁶

No dia 25 celebra-se uma ceia de despedida, com aproximadamente 80 comensais, no “Hotel Continental” em que a Irmandade da Fala agasalhou os representantes catalanistas Rahola, Ferrer i Vidal e Calderó. Este banquete serviu para rememorar as artimanhas caciquis e os sucessos da campanha, na apreciação dos quais se determinou certa disparidade de critérios³⁷.

Em 3 de Março farão exame do sucedido o regionalismo e os seus aliados. No local do “Cinema Salón Coruña”, onde tinham as Irmandades o seu domicílio social efetuou-se a reunião da Irmandades, com “asistencia de regular número de socios”. Presidiu ao acto Villar Ponte. Compunham a mesa Sanz, Valcárcel, Porteiro, Peña Novo, Risco, Carlos Pardo, Alva, Villar, D. Primitivo Sanjurjo, Romero Feal, Juan Pérez, Vabra, Abelaira, Vázquez Enríquez, Quintanilla e Félix Álvarez. Falaram: Rodrigo Sanz, Porteiro Garea de Compostela, Cora Lira, director de “La Voz de La verdad”, de Lugo, Rizo de Ourense (representante do Sr. Losada Diéguez), Vicente Risco, Vázquez Enríquez de

³⁶ “Desde Celanova. Como se ganan unas elecciones.- Alcaldes, secretarios y caciques incitan al asesinato.- La sinceridad de la borrachera”, em *Gaceta de Galicia*, 28-2-1918. Reproduzido de *El Noroeste*, 27-2-1918.

³⁷ Mais dados em “La marcha de los regionalistas catalanes” em *Gaceta de Galicia*, 27-2-1918.

Compostela, Quintanilla de Ferrol e Fene, Bouza, Valcárcel e o presidente, todos eles referiram os incidentes da campanha eleitoral.

Deu-se leitura a um telegrama de Cambó e foram tomados vários acordos, consignados num decálogo, entre eles manter como candidatos nas vindouras eleições os derrotados do dia 24, estabelecer um ofício de reclamações e declarar chefe indiscutível Rodrigo Sanz³⁸. Acabou o ato com a ovação do público e um sonoro ***Terra a Nossa!*** A Irmandade da Crunha ofereceu uma ceia íntima aos representantes das demais Irmandades.

Seguindo Risco³⁹, boa parte dos historiadores galegos insistem em classificar o resultado destas eleições como rotundo fracasso, sem terem em conta a intervenção caciquil. Visto o acontecido a Casares Quiroga, representante duma força organizada, com tradição militante e influências, era difícil, para uma força que entrara pela primeira vez na política, alcançar resultados melhores dos logrados.

Por muito esforço que fizessem as irmandades, por muito que fosse o prestígio e valia dos seus candidatos, ao não figurarem como força política tinham indubitável desvantagem

³⁸ *La Voz de Galicia* e *El Orzán*, 4-3-18. Informações mais completas com resumo das palavras e conteúdos das intervenções em “Acción regionalista. La Asamblea galleguista de anteayer”, *Gaceta de Galicia*, 5-3-1918.

³⁹ RISCO, Vicente, *El Problema Político de Galicia*, CIAP. Biblioteca de Estudios Gallegos, VI, Madrid, 1930, p.218.

sobre os outros grupos políticos radicados e com amplas bases. Além disso, dentro desta etiqueta regionalista iam agrários e católicos: Vázquez Enríquez, Rodrigo Sanz, Cora Lira, Losada Diéguez e esquerdistas: Peña Novo, Porteiro. Consideramos mais matizada a interpretação de Baldomero Cores:

Decir fracaso electoral no quiere decir necesariamente fracaso político. Es cierto que la suma de votos no fue grande, que el movimiento fue vencido electoralmente por los partidos adscritos al sistema establecido, pero también es muy cierto que el centralismo se dio cuenta del peligro que suponía el regionalismo y que por vez primera se sintió la necesidad de hacer nuevos planteamientos en la vida política general. [...] en lo que a Galicia se refiere concretamente, la lucha electoral produjo una serie de consecuencias, entrevistas unas inmediatamente y otras contempladas a largo plazo[...] Si fue un fracaso electoral completo, fue también un éxito absoluto en cuanto a la forma como los regionalistas tomaron conciencia de la acción política directa, dentro de la legalidad y de acuerdo con las normas generales del sistema establecido.⁴⁰

De qualquer modo, senão imediatamente, as conclusões das eleições definirão o espaço político. A Lliga de Cambó, que depois dos sucessos de Agosto de 1917 fi cará medonha das “massas” encetará o seu lento morrer de êxito a fazer parte do sistema da

⁴⁰ CORES TRASMONTA, Baldomero, *Sociología política de Galicia. Orígenes y desarrollo (1846-1936)*, Librigal, La Coruña, 1976, pp 245-246.

Restauração. Os “regionalistas ortodoxos” tranquilos da eficácia do **tinglado** caciquil, deixarão de se preocupar após a morte de Porteiro a fim deste ano e voltarão aos seus posicionamentos espanholeiros. Os mais ambiciosos dos candidatos que se apresentam com Porteiro neste episódio buscarão achego noutros partidos e os nacionalistas verão clara a necessidade de se constituir em partido.

Para os galeguistas, a diferença pela qual se perdera, apesar de toda a maquinaria caciquil despregada e do apoio do poder estatal, não fora tanta e permitia augurar mudanças futuras. Não se podem deixar de lado os dados e as conclusões (e ainda a ironia) que indica a **Gaceta de Galicia**:

Confiamos ciegamente, en la independencia del Tribunal Supremo, tanto más que creemos, que un tribunal cualquiera, con tal que esté formado por hombres (escogemos esta vez, en el sentido moral de la palabra) votaría por la nulidad y aun por algo más para castigo del caciquismo que en toda la provincia de Orense, tan vergonzosamente se viene ejerciendo.

El segundo postulado, en que Porteiro perdió por 200 votos, (100 repartiendo la votación) seguramente los caciques, viéndose perdidos, en algún arreglo a la sombra, volcaron el censo en algún distrito y dió el fruto que deseaban.

Y puestos a hablar de esto, diremos que la batida al caciquismo fue colosal, que en Redondela perdió el agrario Sr.

Espino por 350 votos; por otros tantos D. Rodrigo Sanz; por 500 el de Ferrol; por 400 el de la Estrada; que en estos distritos, no contando con lo que pudiera suceder, serán irremisiblemente los primeros que den diputado regionalista, porque toda la presión oficial solo logró tener mayoría de unos 500 votos, que nosotros sabremos sacarles de las manos enseguida.

Igual pudiéramos hablar de otras circunscripciones, por ejemplo Noya, donde hubo que suplicar de favor, a los verdaderos, el jueves anterior a la votación, que no fuesen a votar para no dar gusto al pucherazo, en lo organizado.

Si diremos, que esos miles de votos son fantasmagorías, pues en la villa de Felipe Castro casi no se vió votar a nadie.

¡Prepararse caciques! “¡Alea jacta est!”⁴¹

Em resumo, nas eleições de 1918 luitou-se com certo êxito nalgumas frentes e manifestou-se publicamente a intenção política do movimento. O sucesso eleitoral é considerável dada a situação política da Galiza dividida em três grandes cacicados que semelham herdados desde os tempos do Caminha ou Pardo de Cela. No Norte: os Gasset e Garcia Prieto (genro de Montero Ríos), nas Províncias do Sul: o feudo do Conde de Bugallal⁴² em Ourense e Riestra em Pontevedra.

⁴¹ “Nuestro comentario”, em *Gaceta de Galicia*, 28-2-1918.

⁴² O literarizado Marqués de Nugallá “que tiña por seus ao Gobernador, ao Presidente da Diputación, ao Presidente da Audiencia, e aos xueces, e aos alguacís, e aos alcaldes, a aos concelláís, e aos habilitados, e ás amas de cria da inclusa...”, BLANCO AMOR, Eduardo, *Xente ao Lonxe*, Galaxia, Vigo, 1972, p. 194.

Porém, o jeito em que se desenvolveu a campanha trouxe novidades de interesse. O voto popular teve o seu peso onde pôde ser exercido com liberdade; praticou-se o *meeting* e aberto, aproveitando, segundo o modelo solidário, as feiras e, por fim, potenciou-se o uso do galego.

Galego que a imprensa acusará, *comme il faut*, de: “jerga pintoresca, mezcla de portugués, español y esperanto”.

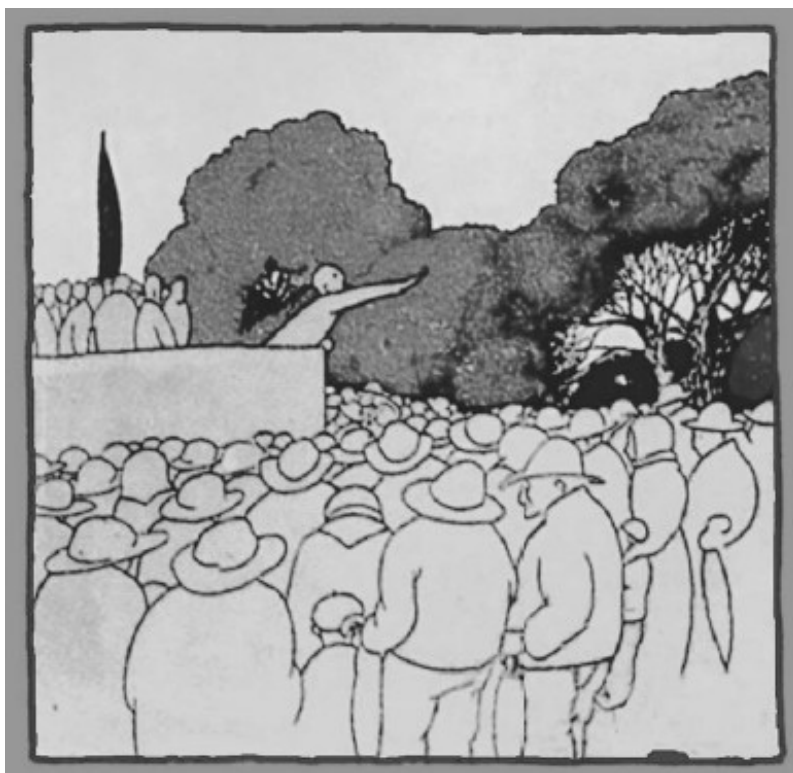


Ilustração de Castelão.

PARA SABER MAIS DE LUÍS PORTEIRO GAREA:

a) Obra de Luís Porteiro Garea:

- El sistema parlamentario en España y sus relaciones con el caciquismo. Tesis para el Grado de Doctor en Derecho, Imprenta de Juan Pueyo, Madrid, 1914.
- Discurso do Dr. Porteiro ó fundarse a Hirmandá en Santiago, (28-Mayo-1916), Tipografía galaica. Hirmandade da Fala. Cuadernos de propaganda. v.1, Santiago, 1917.
- «Opiniones sobre el regionalismo» em Gaceta de Galicia, 15-1-18.
- «Principios políticos y económicos que se compromete a defender e apoiar co voto no Parlamento, si a él vai, o candidato por Celanova, LUIS PORTEIRO GAREA» em Gaceta de Galicia, 25-1-1918. O mesmo em: «Programa electoral de Luís Porteiro Garea ao distrito de Celanova: principios políticos e económicos que se comprometía a defender e apoiar co seu voto no parlamento español», : Terra e tempo, 136 (Out./Dez. 2005) ; p. 46.
- «Verbas dun loitador. Cambó non ten a culpa», em A Nosa Terra, 69, 15-10-18.
- A los gallegos emigrados, Propaganda das Irmandades da Fala, La Papelera Gallega, La Coruña, 1918.
- Un Mensaxe a García, Terra a Nosa O, Prensa Gallega S.a., El Noroeste, A Cruña, 1919.
- Discurso do dr. Porteiro ó fundarse a Irmandade da fala en Santiago no ano 1917 . 2ª ed, P.G. Grupo de Compostela. Cuadernos de propaganda 1º, Nós, Santiago, 1932.

b) Obras sobre Porteiro Garea.

- CORES TRASMONTE, Balamero: *Luis Porteiro Garea*, Santa Comba :TresCtres, 2005.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel: *Luis Porteiro Garea: (1889-1918)*, Ordes : Asociazón Cultural Obradoiro da Históia, 1998.
- VILLAR PONTE, A.: “Apuntes para a nosa historia contemporánea. O loitador inesquecente”, *A Fouce*, 21, 15-10-1930.

¡SABE QUE GORENTA!

Luís Porteiro Garea

Un dos meus compañeiros de balneario e Don Roxelio un vello roibo, alto, de ollos azules, celta do máis enxebre.

Don Roxelio non esta ben imposto no ideario nazonalista, pro sinteo: el viveo en Londres, en París, en Cardiff, en Bourdeus, e afixose; pro en “Castela e na Aravia,... (Don Roxelio torce o bico e di: “No puede ser”).

O primeiro día, falabame de cote en castelán, e hastra lle parece iso de restaurar o galego unha toleada. O día terceiro xa non falamos mais que galego. Entonces e cando, rindo, me conta un pasaxe da sua vida.

O programa de vostedes -di- neso do idioma xa o cumprir eu de rapaciño. Verá: fíquei orfo de nai ao nacer; meu pai era capitán de navio, así que eu crieime con miña abó. Tería eu cinco anos (Don Roxelio usa a ç como todos das rias baixas) e chegou meu pai a Cruña; levaronme a velo. Como miña abó non falaba mais que galego, eu tampouco. Na Cruña os amigos saudaban a meu e deçíanme:

-Niño, ¿cuántos años tienes?

-Téñolle cinco.

-¡Y habla gallego! Ja, ja, ja... quien se lo educa a V?...

Meu pai andaba un pouco corrido. Levoume a comer a Ferrocarrilana: sentado a mesa redonda antre tanta xente eu non me atrevía o primeiro, pero ven unha cousa que me gustou moito e comín de firme. Encantado o probe de meu pai (e non contando ca resposta) dixome:

-Que estas contento; te gusta?

-Hay si señor. Sabe que gorenta.

A carxaxada foi xeneral. Meu pai mandou que me levasen de contado a escola a Santiago “porque nin falar sabía”.

E na escola -nadin eu- desnacionalizarono a vosté, ensinaronlle a renegar de todo o galego. Agora nos queremos pros nosos fillos escolas onde se lles dea cultura do mundo no idioma de suas abos, e teremos como causa de ledicia que cando preguntemos os nosos rapaces se lles gusta o xantar contesten: ¡Sabe que gorenta! ¡E que veñan os que discurran comos da mesa redonda do ano setenta!...

LUIS PORTEIRO

Caldas, 11-IX-918

As derradeiras verbas do luitador

CARTA PÓSTUMA

Por uma fatalidade do destino chegou a poder do nosso irmão Pena Novo esta carta de Porteiro, ao dia seguinte da sua morte: escrita o dia que enfermou, é o seu derradeiro pensamento, as suas derradeiras verbas do luitador que caiu qual lhe quadrava: lutando por Galiza. Por isso são verbas sagradas que temos que recolher como herdo glorioso.

Senhor Dom Luís Pena Novo.

Querido Luís: li a tua carta. Parece-me, definitivamente bem, rematadamente bem o que me dizes dos trabalhos que vais levar à Assembleia de Lugo.

Eu também estou fazendo um questionário e nele tratarei dos pontos estes:

a) Final da guerra europeia. Questão internacional e representação da Galiza na hora da paz.

b) Política interior: Pensamento galeguista, autos, projetos diversos, como Creto agrícola, Fazenda municipal, Aranceis, Reformas dos Tribunais, etc.

c) Questões de urgência para Galiza que exigiremos ao Governo:

Questões agrárias.

Organização jurídica.

Idem técnica.

Questões culturais.

Idem industriais etc.

d) Eleições. Visto que se falseia a vontade popular e que a eliminação sistemática dos censos, trapas, etc., e sobretudo, o deixar para conta da iniciativa privada o que deve ser da responsabilidade do Governo (qual é o problema da legalidade eleitoral). Visto o fracasso dos Governos nesta ordem, se chegam outras eleições nestes termos devemos de acudir a elas ou declararmos fora da legalidade constitucional buscando noutros procedimentos o que por via legal não se pode conquistar.

Sendo o nosso fim o bem de Galiza cuido que teremos de aprazar o nosso juízo público até que chegado o caso podamos

ponderar todos os factores e circunstâncias, mas desde logo tempos que fazer constar que não repudiamos nenhuma forma de governo se nos vale para obter estas cousas por meio de atos honrados. Do contrário teríamos que ir por força a um levantamento popular para remover os obstáculos.

E por esta ordem, outras cousas. Também devemos ocupar-nos das nossas eleições com os outros partidos, e o Manifesto deve ser expressão do nosso programa de campanha a emprender.

Penso que tem que ser uma cousa mui forte, mui radical (no sentido nacionalista) mas mui ampla e desinteressada.

Vós ide fazendo o que podais. Há que trabalhar a cotio.

Uma aperta de

PORTEIRO

Terra a nossa!



Luís Porteiro Garea em 1915

¡EN PÉ!
*Ramom Cabanilhas*⁴³
A Luís Porteiro. †

¡Irmáns! En pé, sereos,
a limpa frente erguida,
envoltos na brancura
da luz que cai de riba,
o corazón aberto
a toda verba amiga,
a nunha man a fouce
e noutra man a oliva,
arredor da bandeira azul e branca,
arredor da bandeira de Galicia,
 ¡cantémo-lo dereito
 a libre nova vida!
Validos de treidores
a noite de Frouseira
a patria escravizaron
uns reises de Castela.
Comestas
polo tempo,
xa afloxan as cadeas...

¡Irmáns asoballados
de xentes extranxeiras,
¡ergámo-la bandeira azul e branca!
¡E ó pé da enseña da nazón galega
cantémo-lo dereito
a libertar a Terra!

¡Irmáns no amor á Suevia
de lexendaria historia,
¡en pé! ¡en pé, dispostos
a non morrer sin loita!
¡O día do Medulio
con sangue quente e roxa
mercámo-lo dereito
a libre, honrada chouza!
¡Xa está ó vento a bandeira azul e branca!
¡A oliva nunha man, a fouce noutra,
berremos alto e forte!:
“¡A nosa terra é nosa!”

⁴³*Da Terra Asoballada*, 1926.

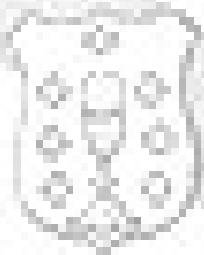


FOZCELHAS

Associação Cultural
Comarca de Ordes



OS BRANÇOS DA FAÇA



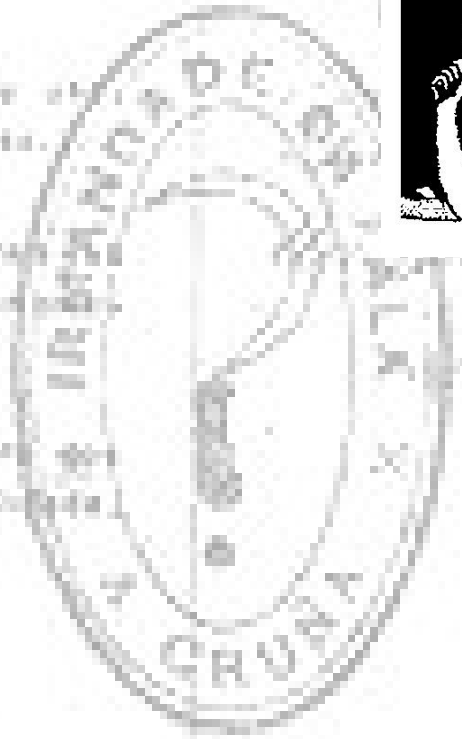
NA CRUZA

O amor não se tem e se
tema-se de um dia para
outro e sempre.

Como não me dá
nada mais não dá.

Pelo que não se tem
não, talvez não se tem
nada.

O amor é uma coisa
boa e a amizade é uma
coisa boa.



Carta de Otono de 2009
foi elaborada por um dos membros da
Comarca de Otono de 2009
foi elaborada por um dos membros da
Comarca de Otono de 2009

Otono de 2009



FOZCELHAS
Associação Cultural
Comarca de Otono

uma comunidade de
que não se tem
nada mais não dá.

O Otono de 2009

O Otono de 2009

